

# JOSÉ CARDOSO PIRES

## Apesar de tudo, santas festas

**H**osana, hosana, três vezes hosana, há invernos que se abrem em flor e o deste ano, em Matosinhos, transformou um crime da PSP num milagre de tolerância que nos deixou comovidos.

Mas, milagre cem vezes maior, os generais da Polícia despertaram finalmente das denúncias que lhes chovem a toda a hora e decidiram reabrir um inquérito ao assassino inocente que ilustra a Corporação de Matosinhos.

Inocente, propriamente inocente, não se pode dizer que aquele mártir do civismo tenha sido, mas por se tratar de um guarda de zelo infeliz, o tribunal, num acto de nobilíssima cristandade, condenou-o a uma pena suspensa coisa e tal e, desse modo, remeteu-o novamente ao serviço da ordem e do gatilho.

Esta tolerância compreende-se: é Natal ou estamos quase, Glória a Deus nas alturas e paz aos homens na terra. Por mim, à luz da revisão que os comandos anunciam, tenho esperanças de que este humilde servidor da paz eterna seja reabilitado por inteiro para tranquilidade das consciências bem formadas. Disse.

Pois é. Mais uma semana, nem isso, e temos o Pai Natal a andar pelos telhados, salpicado de neve doce e com barbas alugasdas nos cabeleireiros dos teatros.

Quando eu era menino de bibe e calção julgava que os Pais Natais eram limpa-chaminés fardados de brinquedo. Depois vim a saber que eram caixeiros-viajantes bolcheviques em trenós de renas voadoras, porque o meu tio Aquiles, sócio da Cruz de Malta e da Legião Azul, não queria cá bulganines a aliciarem as criancinhas



ALICE GEIRINHAS

nem neves da Sibéria a estragarem-nos a paisagem. Natal sim, mas à portuguesa. Com bacalhau com todos e um céu de sete-estrelas como não há outro igual, dizia ele, oh Deus que me dais ventura, oh santa iluminação, tornai a minha alma pura, trazei-me saúde e pão, rezava a família em coro, enquanto eu, de dedo espetado no nariz, pensava em Deus lá nas alturas e nos limpa-chaminés noctâmbulos que andavam à solta pelos telhados.

Há dias, na exposição da Paula Rego, vi-me de repente num mundo parecido com esse. A infância, ah sim, a infância. Lá estava ela em truculenta ordem doméstica. “A criança singular que gostava de fingir que era duas pessoas ao mesmo tempo”, como nas histórias do Lewis Carroll – no meu caso a que faz que acredita no Natal e a que explora a inocência por conveniência sabida. As criancinhas vitorianas desenha-

das por John Tenniel com rostos quase adultos numa pureza sinistra. A obediência envenenada, as malícias de Peter Pan por baixo da compostura dos meninos, tudo isso tem a ver com a fauna familiar que povoou os natais da minha infância.

Entretanto, sinto aproximar-se a quadra comovente. Ouço os sinos em inglês, deparo com a Julie Andrews convertida à comunhão solene e com o padre Feytor Pinto todo às boquinhas rendadas e por toda a parte só vejo multidões a comprarem coisas nenhuma em embrulhos multicores.

Deixai vir a mim as criancinhas, dizem os comerciantes à porta das lojas, com acenos de mãozinhas de toupeira. E as mamãs deixam, está visto, e a fé também, porque muito antes do Cristo Menino ter vindo ao mundo já havia Natal nos celtas e

nos germanos, a gente cá deste lado é que ainda não tinha dado por isso. Verdade. A festa vinha em nome do solstício de Inverno e só depois de trezentos e tal anos de cristandade é que passou a Natal com anjinhos de trompeta e legendas de "Gloria Dei".

Para o império do czar Ieltsin e outros universos nebulosos, a divindade do dia da paz sempre foi e continuará a ser São Nicolau. É ele que põe os presentes nos sapatinhos e que por uma questão de piedade, julgo eu, também é padroeiro dos mercadores e dos ladrões. Ora isto não agradou lá muito a certas pessoas, ladrões e criancinhas não vão bem no mesmo cesto, e se calhar foi por isso que o Oliver Cromwell, Lorde Protector e puritano do piorio, proibiu o Natal na Inglaterra.

Eu da quadra da Natividade tenho algumas recordações infernais. Uma televisão a vomitar anúncios repugnantes, a árvore do Natal das tintas Robbialac com latinhas na ramagem para dar cor ao doce lar, dois reis magos podres de bêbedos envolvidos em pancadaria no presépio ao natural dos antigos armazéns Grandela e, há três anos, no Rio de Janeiro, Ipanema, o rapto duma criança por um Pai Natal acabado de sair da penitenciária.

Não se tratava dum Pai Natal pedófilo, nem pensar. A operação acusava a marca dum profissional extremosíssimo, sobretudo por ter tido lugar num centro comercial de alta vigilância. Frequência apurada, seguranças e televisão interna, música festiva e caviar Hediard nas prateleiras, uma feira de caridade com Papais Noel a passearem criancinhas de família por uma Disneylândia estonteante.

De repente há uma mãe a correr como doida, guardas a fechar saídas, sirenes a uivar: acabava de ser raptada uma menina que horas depois apareceria em várias fotografias nos ecrãs da televisão.

E pronto. Filha dum empresário da alta indústria, a pequenina ficou à espera do resgate ao colo do Pai Natal, num lugar qualquer fora do mapa. Entretanto a imprensa a comentar. Entretanto negociações secretas, buscas paralelas, o costume. E poucos dias depois a menina sã e salva. Tinha sido encontrada num barraco de Taperuna, Iguaçu, na companhia duma linda boneca que fazia bolinhas de sabão.

Daquele Pai Natal nunca mais se teve notícias. Mas deve andar algures, pelos telhados, disfarçado de montador de antenas de televisão.

